

Alguns aspectos da imprensa popular no Rio de Janeiro (1870-1920) - Rafael Almeida Cruz¹

Resumo: Esta comunicação tem como intenção indagar sobre os múltiplos sentidos de fazer imprensa para as classes populares. Para isso, apresenta uma rápida caracterização do perfil editorial de alguns periódicos editados por trabalhadores, associações, ou até mesmo jornais de bairro e indica alguns resultados que permitem perceber a complexa relação entre eles e sua significativa presença na cidade do Rio de Janeiro daquele momento.

Palavras-chave: imprensa, populares, Rio de Janeiro.

Abstract: This presentation intent make questions on the multiple ways of doing press for the worker classes. To do so, it presents a quick characterization of the editorial profile of some journals edited by workers, associations, or even from neighborhood newspapers, indicating some results that allow understand the complex relationship between them and their significant presence in the city of Rio de Janeiro at that time.

Keywords: Press, worker classes, Rio de Janeiro.

Esta comunicação tem como objetivo apresentar alguns aspectos da pesquisa histórica que vem sendo desenvolvida sobre a imprensa popular produzida no Rio de Janeiro na passagem do século XIX para o XX.² Esse período é fundamental para a história recente do Brasil, já que marca a constituição de novas relações de poder, principalmente na então capital federal. É também nesse período entre 1870 e 1920 que as tensões subjacentes à expansão dos meios de comunicação social, da ampliação no processo de produção e circulação de textos impressos e da massificação do ensino e da escolaridade começam a ser percebidas com maior clareza. Os avanços tecnológicos vividos na segunda metade do século XIX permitiram transformações em termos de produção e distribuição de material impresso. Com o significativo aumento das tipografias na capital federal, temos também o aumento do número de livros e jornais impressos. Porém, esse movimento é uma via de mão-dupla, já que a demanda social por textos, livros e periódicos e todo tipo de impressos também cria a necessidade do aumento do número de tipografias e materiais impressos. E é exatamente através dessa demanda que a análise aqui feita será iniciada.

Em um período de constantes transformações estruturais no Rio de Janeiro, a sociedade como um todo se vê em meio a processos criadores de uma nova dinâmica na cidade. As classes mais altas, tanto de políticos, proprietários ou homens ilustrados, tradicionalmente têm seu espaço para ação dentro das instituições políticas ou detinham

¹ Universidade Federal Fluminense, Bolsista PIBIC/CNPq.

² Estas reflexões foram desenvolvidas no interior do projeto de pesquisa "Outras memórias e histórias: cultura letrada e redes de comunicação social no Rio de Janeiro", sob a orientação da Prof^a Laura Antunes Maciel.

controle sobre os meios de expressão da época; seja através de manobras políticas, pressões exercidas por posse de capital, ou até mesmo pelo peso da opinião de um setor. No entanto, diversos outros setores dessa população acabam por passar despercebidos pela historiografia, por quem muitas vezes são considerados “sem voz”.

As mudanças que estavam ocorrendo na cidade afetavam de forma crucial esta camada mais popular da sociedade. Um grande exemplo é a Reforma de Pereira Passos. Esta, durante muito tempo, foi abordada pelo prisma modernizador e inovador das ações, deixando de lado os reveses que acabou por engendrar. Já a participação popular só era percebida em episódios como o do cortiço “Cabeça de Porco” e na reação violenta à política higienizadora, a “Revolta da Vacina”. Ou seja, a compreensão de ações populares só eram percebidas em movimentos episódicos e de grande vulto entendidos sempre como contestações à ordem. Com isso, um outro tipo de resistência, tão importante quanto o anteriormente citado, é deixado de lado, as resistências cotidianas. Esse tipo de ação frente aos desmandos das classes dirigentes quase sempre é esquecido, ou não recebe o valor merecido. E é exatamente nesse sentido que os jornais analisados nesta pesquisa podem servir como fontes valiosas para a compreensão das preocupações e ações populares.

Um sem número de periódicos passa a ser produzido na passagem do século XIX para o XX. Muitos destes tinham como objetivo defender os interesses populares. Tal perspectiva de imprensa pode ser ilustrada na seguinte passagem:

“O nosso modesto jornal será, pois, um pálido reflexo do muito que almejamos pela felicidade das classes populares, fazendo a crítica sincera de todos os homens a quem forem confiados os destinos da administração pública, censurando ou elogiando, conforme o seu merecimento.”

E mais:

“Os fatos que mais de perto se prendem ao bem público em geral, e que escapam muitas vezes à apreciação da grande imprensa, serão tratados nestas colunas por um prisma diverso dessa mesma imprensa, porque não temos ligações com partidos nem governos, desde que estes se afastem do respeito ao Povo.” (Nosso Rumo, A Tribuna do Povo, 18 de Março de 1909).

Ainda neste último artigo, é dito que o jornal viera para defender o povo, tão explorado pela administração pública, dizendo ainda que eram modestos amadores no campo do jornalismo, e o que os movia era o desejo de defender o povo.

Algumas características desse gênero de imprensa podem ser percebidas na leitura desses materiais. Primeiramente, podemos ver o fato dos jornais destacarem o fato de não possuírem ligação com nenhum partido político. Muitos dos jornais que se assumem populares, ou até mesmo operários, fazem a mesma afirmação. Essa característica parece aproximá-los do povo, ao mesmo tempo em que os afasta dos tradicionais partidos políticos.

Mas não por isso, e os periódicos possuíam clara consciência disso, eles deixavam de estar presentes no cenário político da época. Debater com o povo questões de seu cotidiano, desde política até economia, cobrar das autoridades promessas de campanha, mudanças em algumas leis, criações de outras, tudo isso é política. Mesmo não sendo vinculados a nenhum partido político, e muitas vezes, colocando em seus programas que não incluíam assuntos relativos à política, eles já o estavam fazendo. Dessa forma as classes populares, público alvo desses jornais, eram introduzidas na vida política do país, através de debates, manifestações e reivindicações, sempre presentes nas páginas dos jornais.

Um outro ponto que merece grande destaque é a prática dos responsáveis dos jornais deixarem bem marcado o fato de não serem jornalistas profissionais, e sim membros dos grupos sociais ou categoria profissional aos quais o jornal se dirige, ou simplesmente operários. Isso nos demonstra que tais periódicos não possuíam aspirações de se tornarem iguais aos da chamada grande imprensa, como por exemplo, “Jornal do Commercio” e “Jornal do Brazil”. Suas intenções eram claras: defender os interesses populares; e para isso, bastava alcançar o maior número possível de trabalhadores. E eram estes os que escreviam nos jornais, membros da própria classe. Dessa forma, no periódico “Voz do Chauffeur”, de 1924, eram choferes escrevendo para choferes. Com isso, havia uma ligação mais direta entre os jornais e as classes populares, utilizando inclusive de uma linguagem que se aproximava por demais da “língua falada”. Podemos observar esse aspecto na seguinte passagem:

“Não tem o nosso jornal as proporções de um tratado de filosofia, de política e de economia pública, como os que saem das academias, dos liceus e dos eixos grandiosos do jornalismo presente. Mas o jornalismo não é oculto pelo mistério que se descobre a poucos eleitos; a sua inspiração não desce somente a algum espírito privilegiado, e as suas luzes não se limitam às quatro paredes de uma instituição. O pensamento fez-se familiar atualmente, acessível a todos, ergue a sua tribuna nas casas, nos redutos, nas oficinas, no palácio e no tugúrio”. (O Caixeiro, O Caixeiro: Órgão Dedicado A Classe Caixeril, 15 de Novembro de 1881)

A diferenciação citada entre jornais de grande circulação e jornais menores também merece destaque. Podemos ilustrá-la através do seguinte artigo: “... a imprensa grande, a imprensa rica, onde se digladiam os grandes homens que dirigem os destinos deste pobre povo, o operário, que é quem sustenta essa imprensa, não tem um jornal que o defenda com sinceridade.” (O Operário e a Imprensa Burguesa, *Brazil Operário*, 16 de Junho de 1903). Portanto, a intenção da maioria dos jornais populares não era se tornar grandes periódicos, membros da chamada “imprensa burguesa”, mas sim defender os interesses da classe, dos operários, do povo.

Contudo, apesar dessa diferenciação feita pelos próprios responsáveis por estes jornais, a imprensa como um todo mantinha estreita relação. Era extremamente comum encontrarmos nos jornais, menções a artigos, ou até mesmo respostas a artigos publicados em periódicos de grande circulação. E isso não se dava apenas entre jornais menores e da grande imprensa, mas também entre os jornais de menor circulação, os jornais populares. Era também corriqueiro o fato dos jornais separarem uma seção apenas para agradecerem às menções feitas por outros jornais, tanto quando de seu surgimento, quando por algum artigo que o mencionasse. Podemos ilustrar esse fato com o periódico “Gazeta Marítima”, de 1903, que possuía tal prática. Em seu segundo número agradece alguns jornais por noticiarem seu surgimento. Podemos ler a nota transcrita do “Correio da Manhã”:

"Apareceu ontem o primeiro numero da *Gazeta Maritima*, semanário, órgão da marinha mercante, navegação, commercio e indústrias marítimas. Além do artigo de apresentação, plataforma dos seus fins, publica um de caráter político, advogando francamente a revisão constitucional e outros sobre o sorteio para a armada, Novo Lloyd, capitánias dos portos, etc. Vida longa e prospera lhe desejamos." (NOSSOS Collegas, *Gazeta Marítima*, 28 de Novembro de 1902).

Além desse, há a menção de um jornal italiano: “LA VOCE D'ITALIA”:

"Ben redacto il primo numero de periodico *Gazeta Maritma* apparso frab noi di questi giorni e che promette essere un importante revista propugnatrice dei reali interessi della marina brasiliana. Fili centomila nodi all'ora la consorella e si mantenga sempre all'altezza del suo nobile e patriotico programma."

Tais passagens ilustram bem as conexões entre os jornais, inclusive internacionais. Porém, as relações entre os periódicos nem sempre se davam de maneira amistosa. Muitas vezes, os jornais trocavam acusações em seus artigos, gerando discussões que se arrastavam por vários números dos jornais, com cada um respondendo o outro quando de sua publicação. Um primeiro exemplo é o periódico “A Verdadeira Instrução Publica”, de 1872. Este era um jornal dedicado às causas dos professores primários, sempre criticados no jornal “A Instrução Publica”. Assim, o primeiro nasceu como forma de rebater e contestar os artigos publicados nesse último.

Há ainda diversas outras críticas feitas a outros jornais e à imprensa em geral, como podemos ver nesse artigo do “O Combate”, de 1880:

“Se a imprensa de um país pode ser considerada o espelho de onde se reflete o regime social e político do povo que nele habita, a nossa imprensa é o transmutado das instituições nacionais. Ausência de princípios, ausência de discussão, superabundância de polêmicas pessoais e intrigas políticas, eis o que caracteriza a nossa imprensa. O jornal tornou-se entre nós jornaleiro”.

Outra crítica também feita, no mesmo jornal, era a do costume dos “artigos por encomenda”, ou seja, a venda do espaço das notícias para particulares:

“Em toda a parte duas únicas contribuições sustentam a imprensa diária - a assinatura ou compra da folha e o anúncio, que preenche a satisfação do interesse

individual, na espera do negócio ou da necessidade peculiar de cada cidadão. Entre nós criou-se uma terceira contribuição, que é a que mais concorre para sustentar as folhas que se fizeram puramente mercantis, é a da “*publicação a pedido*.” (O Combate, *O Combate*, 11 de Junho de 1880)

Esse tipo de prática é criticado, pois alimentava as discussões pessoais, o que muitas vezes era interesse "das empresas jornalísticas, que desse modo oferecem pasto ao vício da maledicência e da curiosidade vã, e arranjam renda para o seu balcão.”

Apesar das críticas e eventuais desavenças, toda essa gama de jornais lutavam pelos direitos do povo. Contudo, essa forma de luta não era uniforme, engendrando uma separação entre dois tipos de jornal. O primeiro tipo é aquele que se assumia operário, mais combativo, mais identificado com as questões dos trabalhadores. Nestes, as queixas eram tanto direcionadas aos políticos como aos patrões, muitas das vezes considerados os maiores culpados pela situação da população. As principais reivindicações eram pela jornada de oito horas de trabalho, a melhoria nas condições de trabalho, a melhoria no ambiente de trabalho, o autoritarismo por parte dos patrões, etc. Um exemplo é o artigo retirado do “O Heroe”, de 1880:

“Dessa desídia dos governos, da ambição dos grandes fabricantes e industriais têm resultado muitos males para o operário; mas há um, sobre todos que não se explica e que não se dá com as outras classes: o operário não tem o direito de dizer: - o meu trabalho custa tanto; não; eles, os que precisam desse trabalho, são que dizem: - dou-vos tanto para trabalhareis das 6 da manhã às 4 horas da tarde; não valeis mais.” (O Operario II, *O Heroe*, 15 de Setembro de 1880).

Esses jornais eram os mais identificados com a classe operária; classe esta que parece não ser considerada apenas um setor ou categoria dos trabalhadores, mas todos aqueles que vendiam sua força de trabalho. Inclusive os chamados artistas na época, marmoristas, tipógrafos, eram enquadrados na categoria de operários. Dessa forma, reivindicando alterações nas relações trabalhistas, ou mudanças na legislação vigente, cobrando atitudes de governantes, pressionando pelo cumprimento de promessas de candidatos, denunciando exploração por parte de proprietários contra inquilinos, aconselhando trabalhadores a não permitir que direcionassem seus votos, divulgando reuniões de associações ou congressos operários, os periódicos desempenhavam um importante papel. Este era o de articuladores de uma resistência diária, de uma luta constante, entre povo e classes dirigentes; estratos com interesses, modos de vida, visão de mundo, diferentes. São nas folhas desses periódicos que podemos ter clara noção da disputa que ocorria na época, dos diferentes projetos de sociedade, e dos embates diários entre as diferentes classes.

Uma outra linha seguida pelos periódicos era a de reivindicações mais gerais, mais abrangentes em relação a toda a população. Neste nível de reivindicações podemos citar a

melhoria da iluminação de ruas, a limpeza das mesmas, a conservação de parques e estátuas, a segurança em algumas partes das cidades, o mau funcionamento das linhas de bonde, a péssima condição de alguns prédios públicos, etc. Essas reclamações apesar de não serem especificamente feitas para melhoria da situação dos trabalhadores, afetavam diretamente a vida da população como um todo, logo também podem ser consideradas populares. Um exemplo desse tipo de jornalismo é a “Secção Variada”, do jornal “Revista da Associação dos Guarda-Livros”, de 1875. Esta coluna sempre publicava reclamações da população contra algumas falhas deixadas pelo poder público.

Com isso, podemos chegar à conclusão de que os jornais representavam um importante veículo de reivindicação das classes populares frente às classes dominantes. Serviam não só para promover a união dessas classes, mas também como instrumento de luta, de resistência. Assim, podemos ter certeza que o povo não se manifestava esporadicamente apenas através de revoltas, tumultos ou greves. Os estratos mais baixos daquela sociedade travavam uma luta diária através desses periódicos. Isso demonstra também, o quanto é falsa a afirmação de que essas camadas populares eram iletradas, não se interessavam pela leitura e escrita. Tal afirmação é desmentida pelo imenso número de jornais que foram produzidos naquele período, bem como a multiplicação no número de tipografias.

Contudo, devem ser ressaltadas as dificuldades para a realização deste trabalho. Uma delas é a fragmentação das fontes, ou seja, muitas vezes os jornais publicam apenas um número, ou deixam de ser publicados para voltar tempos depois, além de algumas coleções disponíveis serem incompletas. Dessa forma, o esforço para reconstituir a realidade de cada jornal se torna mais difícil. Um outro ponto de dificuldade é conhecer quem eram os responsáveis pelos jornais, já que muitos deles não informam. Outros, quando informam, não dão detalhes quanto à vida da pessoa, tornando mais complicada a descoberta de quem eram esses homens envolvidos na produção de conhecimento. Além disso, não existem dicionários biográficos sobre pessoas comuns e trabalhadores como há para escritores e políticos conhecidos, por exemplo.

Essas dificuldades, no entanto, servem para motivar ainda mais o trabalho, fazendo com que novas alternativas sejam buscadas para se aprofundar os aspectos aqui analisados. Para superar essas dificuldades um dos objetivos da pesquisa é elaborar um guia de jornais populares na cidade do Rio de Janeiro nesse período. Dessa forma, a pesquisa se torna fundamental não só para os objetivos aqui determinados, como para qualquer outro pesquisador que se interesse pelo assunto.